

O maior desafio para a abertura

O Brasil estava entrando na era da abertura política, em maio de 1978, quando viveu uma das greves mais importantes de sua história sindical: pelo menos 50 mil metalúrgicos do ABC paulista decidiram paralisar a produção por períodos que variavam de 15 minutos a uma semana. Foi a primeira greve em dez anos a atingir mais de duas dezenas de empresas e a incluir paralisações totais, num movimento considerado o maior teste para o incipiente processo de redemocratização do país, que saía de 14 anos de regime de exceção.

As paralisações começaram por São Bernardo e logo chegariam a Santo André, atingindo fábricas como a da Mercedes-Benz, Scania, Ford, Volkswagen, Philips, Cofap, Pirelli, Chrysler, Motores Perkins, Karmann-Guia, General Electric, Elevadores Otis, Fabrini, Arteb, Cima, Fogões Semer e outras empresas menores.

A principal reivindicação dos trabalhadores era um aumento salarial de 20%. Com base na Lei 4.330, de 1º de junho de 1964, que regulamentava as greves, o Tribunal Regional do Trabalho considerou a greve ilegal, por 15 votos a um.

A decisão do TRT, no entanto, não barrou o movimento e os metalúrgicos conquistaram um reajuste de 15%, em média. Daquele episódio também surgiram a Central Única dos Trabalhadores e o PT, além de novas lideranças sindicais. Dentre elas, a maior foi o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema — Luís Inácio “Lula” da Silva.

Preso com os companheiros, Lula se projetaria como um dos principais líderes proletários do país. Entre as negociações com os patrões, ele chegara a comentar que “não estamos fazendo greve para entrar na história, mas para conseguir nossos direitos”. A própria história, no entanto, o desmentiu.